


“Dois colossais e magníficos quadros” de bazar na Academia: Deogratias Lasagna e a pintura de batalha na Exposição Geral de 1847

Fabriccio Miguel Novelli Duro¹

 0000-0003-4990-605X

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 15, 2021, virtual. **Atas do XV Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 15, 2022.

DOI: 10.20396/eha.15.2021.4713

Resumo

Este texto trata da presença do pintor italiano Deogratias Lasagna (1825-1896) no Rio de Janeiro, considerando, sobretudo, a sua participação nas exposições gerais organizadas pela Academia Imperial. Analisa-se a atribuição ao artista de duas pinturas de batalha representando episódios da guerra entre Estados Unidos e México. Ocupa-se, igualmente, da exibição de obras de arte de grandes dimensões em estabelecimentos comerciais, como o Bazar Dillon, mediante a cobrança de ingressos.

Palavras-chave: Pintura Histórica. Exposições de Arte. Século XIX. Academia Imperial. Arte no Brasil.

¹ Doutorando na área de História da Arte do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP), desenvolve a pesquisa “As exposições gerais (1840-1884) na articulação do sistema artístico no Rio de Janeiro” com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo FAPESP 19/10191-4. fbrcc@hotmail.com.

Poucas mostras artísticas realizadas no Rio de Janeiro, durante o século XIX, receberam tanta atenção, no seu tempo, e pela historiografia, quanto a Exposição Geral de 1879. O evento é um velho conhecido daqueles que se dedicam ao estudo do período, pelo expressivo número de visitantes, pela exibição da “Coleção Escola Brasileira”² e pelo confronto entre as monumentais pinturas de batalha realizadas por Pedro Américo e Victor Meirelles. É ao embate dos dois grandes nomes da arte brasileira que se atribui a longevidade desse episódio, a “Questão Artística de 1879”³. A exposição marca o ponto mais alto que a visualidade ligada à Guerra do Paraguai e a pintura de batalha atingiram antes de arrefecerem.

A espetacularização das pinturas de batalha no Rio de Janeiro, notável fenômeno da década de 1870, pode ser percebida décadas antes, em meados de 1840. O primeiro registro encontrado até o momento da exibição de pinturas de batalha na Academia Imperial de Belas Artes ocorre na oitava edição das exposições gerais, em 1847. Conforme afirma Donato Mello Junior, referência fundamental para o estudo das exposições gerais⁴, naquele ano “Deogratias Lasanha apresentava três Retratos anônimos e dois quadros de história, executados em Nova Iorque: Bombardeamento de Matamoras e Batalha da Resaca de la Palma, ambos com texto resumido [...]”⁵. Em outra publicação incontornável para o estudo dos eventos, na edição dedicada à reprodução dos catálogos das exposições gerais, Carlos Roberto Maciel Levy reitera a interpretação de Mello Junior, listando as cinco obras sob o nome de Lasagna⁶, com a curta descrição das pinturas históricas:

DEOGRATIAS LASAGNA [QUADROS EXECUTADOS EM NOVA IORQUE]
[...]
0070/064 Bombardeamento de Matamoros
Depois de um ataque dos mexicanos sobre o campo entrincheirado dos
norte-americanos fronteiro à dita cidade, ocorrido em 3 de maio de 1847

² Cf. SQUEFF, Leticia. **Uma Galeria para o Império: a Coleção Escola Brasileira e as Origens do Museu Nacional de Belas Artes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2012.

³ Cf. MELLO JUNIOR, Donato. A primeira Batalha dos Guararapes e a Batalha do Avaí. **Mensário do Arquivo Nacional**, n. 6, ano X, 1979; MELLO JUNIOR, Donato. Centenário da Exposição Geral da Academia Imperial das Belas Artes em 1879. **Mensário do Arquivo Nacional**, n. 9, ano X, 1979; GUARILHA, Hugo Xavier. **A questão artística de 1879: um episódio da crítica de arte no Segundo Reinado**. 2005. Dissertação (Mestrado em História da Arte) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

⁴ NOVELLI DURO, Fabriccio Miguel. Donato Mello Júnior e as exposições gerais: memórias e trajetórias compartilhadas entre AIBA, ENBA, UFRJ e MNBA. In: **XI Seminário Do Museu D. João Vi - Grupo Entresséculos**. Rio de Janeiro, no prelo.

⁵ MELLO JUNIOR, Donato. As Exposições Gerais na Academia Imperial das Belas Artes no 2º Reinado: sua importância artística e a presença de D. Pedro II. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/Anais do Congresso de História do Segundo Reinado (Comissão de História Artística)**, v. 1, Brasília/Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), 1984, p. 244.

⁶ MACIEL LEVY, Carlos Roberto. **Exposições Gerais da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes: Período Monárquico**. Rio de Janeiro: ArteData, 2003 [1990], p. 69-70.

0071/064 Batalha da Ressaca de la Palma
Decidida por uma carga de dragões comandada pelo capitão May, ocorrida em 9 de maio de 1847, a três léguas de Matamoras.⁷

Deogratias Lasagna (1825-1896) – Deograzio Lasagna; Deogratias Lasanha – é um artista italiano, sobre o qual pouco sabemos. A sua passagem pelo Brasil parece se limitar ao intervalo de oito anos entre 1846 e 1854. A primeira data se refere ao registro de sua chegada ao Rio de Janeiro junto a uma “companhia italiana de canto”⁸, com sua irmã e esposa; a última, ao anúncio da partida dos três para Genova, na Itália⁹. Nesse período em que esteve no país, localizamos alguns registros de sua atividade que nos ajudam a dar sentido aos esparsos indícios de sua atuação local. Lasagna pode ser compreendido como outros tantos artistas estrangeiros que passaram pelo Brasil e apresentaram as suas obras nas exposições gerais da Academia Imperial. Conforme Elaine Dias têm demonstrado em seus estudos recentes sobre os artistas franceses, essa parece ter sido a maneira encontrada para tentarem se inserir no sistema artístico local¹⁰.

Os serviços de Lasagna foram anunciados no *Almanak Laemmert* na categoria de pintores e retratistas nos anos de 1848¹¹, 1849¹² e 1850¹³. Essa informação, de sua atuação enquanto retratista, é compatível com as poucas obras de sua autoria localizadas em coleções italianas¹⁴. Os autorretratos realizados pelo pintor documentam parte de sua produção realizada no período de sua estadia no país. No primeiro quadro, *Autoritratto* [Figura 1], de 1846, ano em que vem ao Brasil, observamos um retrato de meio-corpo do artista com um chapéu. É notável a qualidade de sua fatura e do claro-escuro, por meio do qual o rosto do artista surge da escuridão da tela. Em outro autorretrato do artista, *Autoritratto in costume brasiliano* [Figura 2], dessa vez de corpo inteiro, ele se veste naqueles que seriam “trajes brasileiros”, de acordo com a identificação do quadro.

⁷ Ibid, p. 70.

⁸ ENTRADAS NO DIA 3. *Jornal do Commercio*, n. 275, 4 out. 1846, p. 4.

⁹ “Navios sahidos no mesmo dia. Genova – Brigue Sardo Rimac [...] Passageiro Deogratias Lasagna, sua senhora e 1 irmãa.”. *O Liberal Pernambucano*, n. 446, 6 abr. 1854, p. 4.

¹⁰ DIAS, Elaine. Artistas franceses no Brasil: Descrição e promoção de sua imagem na imprensa do século XIX. *MODOS: Revista de História da Arte*, v. 3, n. 2, 2019.

¹¹ “Lasagna, rua do Theatro, 35”. LAEMMERT, Eduardo. *Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e da provincia do Rio de Janeiro para o anno bissexto de 1848*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848, p. 336.

¹² “Lasagna, r. do Sabão, 164”. LAEMMERT, Eduardo. *Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e da provincia do Rio de Janeiro para o anno de 1849*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1849, p. 270.

¹³ “Lasagna, r. do Sabão, 164. (Retr.)”. LAEMMERT, Eduardo. *Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e da provincia do Rio de Janeiro para o anno de 1850*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1850, p. 301.

¹⁴ Encontramos quatro autorretratos do artista, três em busto ou meio-corpo e um em corpo inteiro.



Figura 1:
Deogratias Lasagna, *Autoritratto*, 1846. Óleo sobre tela,
100 x 81 cm, Galleria Nazionale, Complesso
monumentale della Pilotta, Parma.

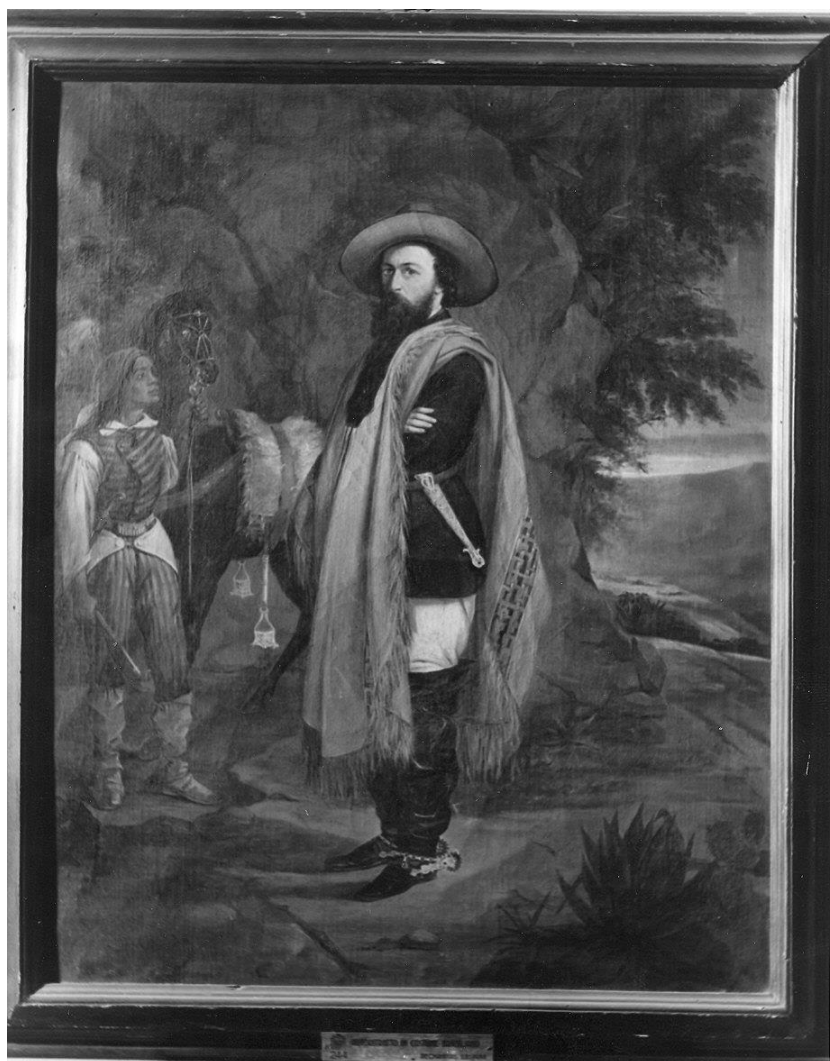


Figura 2:
Deogratias Lasagna. *Autoritratto
in costume brasiliano*, 1851. Óleo
sobre tela, 72 x 58 cm, Pinacoteca
Stuard, Parma (doação, Frederico
Lasagna).

Um exímio pintor de retratos, com incursões na pintura de costumes, assim poderíamos definir Deogratias Lasagna a partir do que encontramos. O pouco que podemos ver de sua obra a partir desses autorretratos é condizente com os registros de suas participações nas exposições gerais, ainda que informações a respeito de suas pinturas sejam lacunares e pouco detalhadas. Sobre a exposição de 1846, descreve-nos sua participação o *Jornal do Commercio*: “um pequeno esboço designado: *Traje sardo*, onde se achão o vigor e liberdade de pincel que o Sr. Lasagna mostrou perfeitamente n'um retrato notavel por varias qualidades da escola hespanhola”¹⁵. Nos registros do júri de premiação, a congregação dos professores da Academia decide “que se dê ao mencionado Lasagna uma medalha d'ouro da Exposição” pelo seu “retrato de homem [...] com o agradável de claro-escuro”¹⁶. Apesar de sua ausência no catálogo dessa edição, podemos atestar a participação do artista na mostra a partir de sua premiação, com a medalha de ouro. É provável que o artista tenha submetido suas obras à Academia após a impressão do catálogo, já que Lasagna chega ao Rio de Janeiro apenas dois meses antes da mostra pública.

Em 1847, na edição seguinte, de acordo com o catálogo, Deogratias apresenta três retratos. No *Mercantil*, afirma-se: “[o] retrato da Sra. chorando sobre um tumulto do Sr. Lasagna está bem desenhado, e o velludo do vestido bem pintado; o braço está desproporcionado, e falta-lhe a harmonia no colorido”¹⁷. No ano seguinte, em sua última participação nos eventos organizados pela Academia Imperial de Belas Artes, a exibição de uma *Santa Philomena* parece passar despercebida pela crítica.

Se houve espaço para os periódicos e os professores da Academia comentarem os seus retratos, inclusive sendo premiado pela instituição, por que não haveria menções específicas a sua atuação enquanto pintor de batalha, sendo a pintura histórica um gênero apreciado e menos abundante que os retratos nas exposições gerais? Ao observarmos o catálogo da exposição de 1847, vemos que os três retratos do “Sr. Deogratias Lasanha” são sucedidos por duas pinturas de batalha. Entre a listagem dos retratos e das pinturas históricas, consta a informação “Executados em *New-York*”¹⁸. Parece ter havido uma interpretação equivocada por parte de Mello Junior e Maciel Levy ao acreditarem serem essas obras realizadas pelo italiano nos Estados Unidos, como explicitamos no início desse texto. Na mesma crítica d'O *Mercantil* mencionada anteriormente, após as pinturas de Lasagna, o articulista segue aos dois quadros:

¹⁵ Rio de Janeiro. Comunicados, *Jornal do Commercio*, ed. 358, 27 dez. 1846, p. 2.

¹⁶ Officio do Sr. Dir[etor] em nome da Cong[regação] de 18 de Jan[eiro] 1847. Arquivo Histórico do Museu Dom João VI (MD)VI-EBA-UFRJ).

¹⁷ Academia de Bellas-Artes. Exposição publica de 1847. *O Mercantil*, 14 dez. 1847, n. 348, p. 3.

¹⁸ NOTICIA do Palacio da Academia Imperial das Bellas Artes do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1847, p. 64.

[...] Bombardeamento de Matamoras, e batalha da Resaca de La Palma: nestes dous espantalhos foi a academia herdeira do Bazar Dillon; houve com tudo algum proveito, pois que elles ajudarão a encher as paredes. Na futura exposição esperamos ver o Cacique de Mme. Finot¹⁹, e a Indiana do Largo do Paço; são cousas novas para o publico [...] ²⁰.

Sem atribuí-los ao pintor italiano ou a qualquer outro artista, o crítico refere-se apenas ao lugar em que foram exibidas anteriormente, dirigindo-se com clara ironia às pinturas como “cousas novas”, herdadas do Bazar Dillon. Essa passagem pelo bazar é fundamental para compreendermos a reação da crítica, ou a falta de reação, e para revisarmos a atribuição das pinturas ao italiano Deogratias Lasagna.

O Bazar Dillon era um espaço comercial criado por Pedro Felix Dillon, uma espécie de galeria comercial situada à rua do Ouvidor. Aberto em 1843, esse seria o “primeiro estabelecimento desta qualidade [...] em que se encontra uma variada escolha de mercadorias de todos os gêneros”²¹. Com dois andares e 14 lojas, era possível alugar os espaços mediante fiador ou dispor “fazendas e trastes para serem vendidos por preços fixos; [no Bazar] vendem-se mobílias, armação de casas e outros muitos objectos de luxo”²².

A primeira menção às obras e a sua exibição no bazar é feita em outubro de 1847, no *Jornal do Commercio*:

AVISO IMPORTANTE

O Sr. Chaveau tem a honra de participar ao respeitavel publico que brevemente abrirá no Bazar Dillon, rua do Ouvidor n. 60, a grande exposição de dous colloçaes e magnificos quadros, pintados a oleo sobre panno, que representa a grande BATALHA entre os Mexicanos e os Americanos dos Estados-Unidos, tendo cada um 280 palmos de face, onde apresenta um o terrivel e desastroso BOMBARDEAMENTO da cidade de Matamoras, combate tal que a artilharia esteve debaixo de fogo por espaço de 160 horas de ambas as partes; e o outro, a memoravel batalha de Rasaca de la Palma, onde os Mexicanos perdêrão toda a artilharia e bagagem, e todo o exercito posto em debandada pelo terror levado ao centro das fileiras inimigas pela grande descarga dos intrepidos dragões americanos, sob o commando do bravo capitão Moy [sic], que fez prisioneiro com sua propria mão ao general De la Vega, commandante da força inimiga.

N. B. O publico será brevemente informado do dia, hora e do preço da dita exposição²³.

¹⁹ Ao *cacique* era o nome de uma loja situada à rua do Ouvidor, de Madame Alexandrina Finot, reputada florista, onde vendia-se grinaldas, penas, plumas, flores artificiais, entre outras coisas.

²⁰ Academia de Bellas-Artes. Exposição publica de 1847. *Op. cit.*

²¹ *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro para o anno bissexto de 1844*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843, p. 236.

²² *Jornal do Commercio*, n. 41, 13 fev. 1844, p. 3.

²³ *Jornal do Commercio*, n. 290, 20 out. 1847, p. 3.

Sr. Chaveau, Carlos Chaveau, figura a respeito da qual quase nada pudemos encontrar, havia obtido poucos dias antes uma autorização do Ministério da Fazenda para despachar livremente na alfândega, entre outras coisas, “dous quadros [...] que são destinados a serem expostos ao publico [...]”²⁴. Ao que parece, Chaveau fez chegar ao Rio de Janeiro “dous collocaes e magnificos quadros”, os dispôs em uma das “lojinhas” disponíveis no Bazar Dillon e inaugurou uma distração publica, uma exposição de quadros, cuja entrada era permitida mediante pagamento. Em menos de um mês, anunciava-se:

ABERTURA

Quarta feira 27 de outubro [de 1847], desde as 10 horas da manhã ás 9 da noite.

GRANDE EXPOSIÇÃO

De dous collossaes, quadros a oleo sobre panno de 280 palmos de face, representando as batalhas entre os Americanos e os Mexicanos.

1º, BOMBARDEAMENTO DE MATAMORAS, durando 160 horas em fogo.

2º, A MEMORAVEL BATALHA DE LA RASACA DE LA PALMA, onde os Mexicanos perdêrão toda a artilharia e bagagem, tres bandeiras, 1.000 mortos e feridos, e o general feito prisioneiro.

Preço de entrada 500 rs. e crianças 250. Rua do Ouvidor n. 60, Bazar Dillon.

N. B. Não se deve confundir esta exposição com um cosmorama²⁵.

Por cerca de uma semana o anúncio foi veiculado na imprensa. Seu tom espetacular ressaltava informações que pareciam chamar a atenção e que serviam para “fisgar” o público fluminense: horas de fogo e o número feridos, mortos e prisioneiros. As pinturas de batalha e a narrativa bélica da guerra entre Estados Unidos e México parecem ter chamado atenção o suficiente, tanto do público quanto da crítica especializada. Tal qual se fazia com as exposições gerais, publicou-se no *Jornal do Commercio* uma coluna dedicada às belas artes. De acordo com o crítico anônimo, sob a rubrica Z:

COMMUNICADO.

BELLAS-ARTES.

No Bazar Dillon, rua do Ouvidor n. 60, nesse vasto armazem dividido em loginhas onde o publico do Rio de Janeiro achará brevemente, a bom mercado, uma variada e bem escolhida reunião de objectos de toda a especie, abrio-se ha poucos dias a exposição de dous quadros collossaes que representão scenas da guerra que hoje existe entre Americanos e Mexicanos. **A população fluminense tem acudido em grande numero para ver esses quadros que reuñem ao interesse da actualidade as**

²⁴ *Gazeta Official do Imperio do Brasil*, n. 130, 7 out. 1847, p. 1.

²⁵ *Jornal do Commercio*, n. 296, 26 out. 1847, p. 4.

qualidades de uma pintura de merecimento. Indicaremos em poucas palavras o assumpto que os quadros representam.

1º QUADRO. *Bombardeamento de Matamoras.*

[...]

2º QUADRO. *Batalha da Resaca de la Palma.*

[...]

Z.²⁶

Poucos dias antes da mostra artística, lia-se na primeira página do *Jornal do Commercio*, num dos relatos do exterior, que uma das últimas resoluções dos estados mexicanos: “[...] mostra[va] ao gabinete de Washington [...] que o Mexico será para elle uma hydra cujas cabeças renascem incessantemente, e que não poderá domar senão quando as decepar todas de uma vez, isto é, quando occupar o território todo inteiro”²⁷. Era isso que a exposição realizada no Bazar Dillon, sob os auspícios do senhor Chaveau, apresentava ao público: a chance de testemunhar a hydra sendo decepada – ou melhor, a chance de testemunhar um bombardeamento de 160 horas em fogo e uma batalha com 1.000 mortos e feridos, além de um general feito prisioneiro.

Com o passar dos dias, o tamanho dos anúncios e a descrição dos episódios diminuem, enquanto ainda informam ao público o horário, o preço do ingresso, o título das obras e o endereço da “lojinha”. A autoria do quadro, no entanto, segue ignorada. Duas semanas após a inauguração, é iniciada a pechincha: “POR 200 RÉIS pode ser vista nos ultimos 15 dias A GRANDE EXPOSIÇÃO”²⁸. E atenção: “As crianças pagarão metade”²⁹. Com quase um mês em cartaz, a última tentativa de cativar o público: “A exposição das batalhas americanas e mexicanas estão à vista [...] sómente até o fim do mez”³⁰.

Por cerca de um mês, entre outubro e novembro, as pinturas representando episódios da guerra entre o México e os Estados Unidos foram exibidas, anunciadas e vistas pelo público fluminense mediante o pagamento de ingresso. No início de dezembro, as pinturas foram transferidas do bazar para a Academia, quase imediatamente. Colocadas na exposição geral, junto a outras 73 pinturas, os dois colossais e magníficos quadros desapareceram nas paredes do palácio, ao menos para a crítica e para o júri. Em um certame no qual buscava-se incentivar os artistas nacionais e estrangeiros pela sua produção, uma obra de arte sem autoria suscitava pouca atenção. Para os críticos, interessava mais, naquela ocasião, outra majestade: o retrato do *Imperador D. Pedro II em traje de gala* [figura 3], realizado por Raymond August Quinsac de Monvoisin, artista francês recém-chegado à Corte³¹.

²⁶ Grifos nossos. *Jornal do Commercio*, n. 300, 30 out. 1847, p. 1.

²⁷ Exterior. Negocios do Mexico. New-York, 27 de julho. *Jornal do Commercio*, n. 272, 2 out. 1847, p. 1.

²⁸ *Jornal do Commercio*, n. 313, 13 nov. 1847, p. 4.

²⁹ Ibid.

³⁰ *Jornal do Commercio*, n. 325, 25 nov. 1847, p. 4.

³¹ A discussão acerca do *Retrato de Sua Magestade o Imperador* pode ser acompanhada no livro de Elaine Dias. De acordo com a autora: “A exibição da tela na Exposição Geral da Academia Imperial de Belas Artes, em 1847, dividiu a crítica, ora considerando o retrato perfeito na harmonia, no colorido e nos detalhes, ora criticando-o pela falta de semelhança com o Imperador. A pintura



Figura 3:
Raymond Auguste Quinsac Monvoisin.
Imperador D. Pedro II em traje de gala, 1847.
Óleo sobre tela, 300 x 200 cm,
Coleção Príncipe D. João de Orléans e Bragança, em
comodato com a Pinacoteca do Estado de São Paulo.

de Monvoisin rendeu comentários bastante ácidos, principalmente pelo não reconhecimento à figura de Pedro II, sendo o artista defendido por Alexandre Cicarelli, que estava no Brasil naquele momento. As respostas, réplicas e trélicas encheram os jornais do período [...]”. DIAS, Elaine. **Artistas franceses no Rio de Janeiro (1840-1884)**: das Exposições Gerais da Academia Imperial de Belas Artes aos ateliês privados: fontes primárias, bibliográficas e visuais. Guarulhos: EFLCH/UNIFESP, 2020, p. 267. Ver também: PICCOLI, Valeria; PITTA, Fernanda. A propósito do Pedro II, de Monvoisin. In: CORTÉS, Glória; DRIEN, Marcela (org.). **Raymond Monvoisin y sus discípulos: avances de investigación**. Santiago: RIL Editores, Universidad Adolfo Ibañez, 2019.

Se as obras eram as mesmas, a situação, assim como a condição de exibição inicial, mudou. No Bazar Dillon, as pinturas materializavam as curiosidades do público sobre as narrativas bélicas que eram lidas nos jornais. Dessa maneira, os anúncios do bazar para “fisgar” o público funcionavam em dois tempos, ativando o contato com o passado, da leitura das narrativas do jornal sobre a guerra, ao mesmo tempo em que incitava os leitores a agirem no futuro, ao pagarem o ingresso para defrontarem-se com o campo de batalha. A apresentação na exposição geral, no entanto, não tinha nada de futuro, de “coisa nova”. A experiência fora transformada. Restava, ali, uma imagem já revelada, despida de sua avidez inicial. Os “dois colossais e magníficos quadros” de batalha, sem autoria indicada, haviam se tornado “cousas velhas”, *old news*, meras pinturas de bazar na Academia.

Referências bibliográficas

Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro para o anno bissexto de 1844. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/189>.

Gazeta Oficial do Imperio do Brasil, n. 130, 7 out. 1847, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/749435/1308>.

Jornal do Commercio, n. 275, 4 out. 1846, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_03/9983.

Jornal do Commercio, n. 41, 13 fev. 1844, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_03/5937.

Jornal do Commercio, ed. 358, 27 dez. 1846, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_03/10317.

Jornal do Commercio, n. 272, 2 out. 1847, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_03/11506.

Jornal do Commercio, n. 290, 20 out. 1847, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_03/11580.

Jornal do Commercio, n. 296, 26 out. 1847, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_03/11605.

Jornal do Commercio, n. 300, 30 out. 1847, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_03/11620.

Jornal do Commercio, n. 313, 13 nov. 1847, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_03/11675.

Jornal do Commercio, n. 325, 25 nov. 1847, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_03/11723.

NOTICIA do Palacio da Academia Imperial das Bellas Artes do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1847.

O Liberal Pernambucano, n. 446, 6 abr. 1854, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/705403/1805>.

O Mercantil, 14 dez. 1847, n. 348, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/228133/4795>.

DIAS, Elaine. Artistas franceses no Brasil: Descrição e promoção de sua imagem na imprensa do século XIX. **MODOS: Revista de História da Arte**, v. 3, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24978/mod.v3i2.4129>. Acesso em: 8 nov. 2021.

DIAS, Elaine. **Artistas franceses no Rio de Janeiro (1840-1884)**: das Exposições Gerais da Academia Imperial de Belas Artes aos ateliês privados: fontes primárias, bibliográficas e visuais. Guarulhos: EFLCH/UNIFESP, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/58047>. Acesso em: 8 nov. 2021.

GUARILHA, Hugo Xavier. **A questão artística de 1879**: um episódio da crítica de arte no Segundo Reinado. 2005. Dissertação (Mestrado em História da Arte) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2005.346731>. Acesso em: 8 nov. 2021.

LAEMMERT, Eduardo. **Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e da provincia do Rio de Janeiro para o anno bissexto de 1848**. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394x/2042>.

LAEMMERT, Eduardo. **Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e da provincia do Rio de Janeiro para o anno de 1849**. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1849. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394x/2804>.

LAEMMERT, Eduardo. **Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e da provincia do Rio de Janeiro para o anno de 1850**. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1850. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394x/3460>.

MACIEL LEVY, Carlos Roberto. **Exposições Gerais da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes**: Período Monárquico. Rio de Janeiro: ArteData, 2003 [1990].

MELLO JUNIOR, Donato. As Exposições Gerais na Academia Imperial das Belas Artes no 2º Reinado: sua importância artística e a presença de D. Pedro II. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/Anais do Congresso de História do Segundo Reinado (Comissão de História Artística)**, v. 1, Brasília/Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), 1984.

MELLO JUNIOR, Donato. A primeira Batalha dos Guararapes e a Batalha do Avaí. **Mensário do Arquivo Nacional**, n. 6, ano X, 1979.

MELLO JUNIOR, Donato. Centenário da Exposição Geral da Academia Imperial das Belas Artes em 1879. **Mensário do Arquivo Nacional**, n. 9, ano X, 1979.

NOVELLI DURO, Fabriccio Miguel. Donato Mello Júnior e as exposições gerais: memórias e trajetórias compartilhadas entre AIBA, ENBA, UFRJ e MNBA. In: **XI Seminário Do Museu D. João VI - Grupo Entresseculos**. Rio de Janeiro, no prelo.

PICCOLI, Valeria; PITTA, Fernanda. A propósito do Pedro II, de Monvoisin. In: CORTÉS, Gloria; DRIEN, Marcela (org.). **Raymond Monvoisin y sus discípulos: avances de investigación**. Santiago: RIL Editores, Universidad Adolfo Ibañez, 2019.

SQUEFF, Leticia. **Uma Galeria para o Império**: a Coleção Escola Brasileira e as Origens do Museu Nacional de Belas Artes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2012.